

**DO CAMINHAR AO DESLIZAR DO LÁPIS:
O MAPEAMENTO DA MEMÓRIA DE COLONOS E COLONAS
DE UMA ANTIGA FAZENDA CAFFEEIRA**

Carmen Silvia Andriolli¹

RESUMO:

Neste texto refletimos acerca da reconstrução da memória coletiva de colonos e colonas de uma antiga fazenda cafeeira do nordeste paulista, que hoje é uma estação ecológica estadual. Para tal reconstrução, definimos como categoria central de análise o trabalho, considerado tanto na esfera pública, como colonos e diaristas, quanto na esfera privada – o trabalho doméstico. Além disso, o trabalho não foi aqui compreendido apenas como uma atividade de gasto de energia física e mental, mas também como aglutinador e determinante da sociabilidade. Pautando-nos na metodologia da história oral, apresentamos sua utilização em associação com a técnica de pesquisa dos mapas afetivos, o que foi fundamental para a recuperação da memória coletiva dos colonos e colonas da Fazenda Jatahy e para a análise das conseqüências causadas com as diferentes formas e apropriação e uso dessa área para a memória desse grupo social.

Palavras-chaves:

memória; mapas afetivos; trabalho e estação ecológica.

ABSTRACT:

This article presents the remembrances of female and male coffee-farm workers from the Jatahy Farm, located at the Luiz Antonio County, Northeastern region of the São Paulo State, Brazil. The Jatahy Farm was a property that along the 20th century had been through several manners of seizure; from 1925 to 1959 the farm was bought by the Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, that extinguished the coffee plantation and in its place had started the pines and eucalyptus cultivation. In 1959 the Jatahy Farm had become a São Paulo State property and most of its area was turned into an experimental station focused on its local forest studies, resulting nowadays on an ecological station in which scientific researches and assisted environmental education are the only activities allowed. From that point on, this study is due to rebuild the collective memory of female and male Jatahy

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Unicamp.

Farm's coffee workers, understanding Work in its multiple dimensions – the work experienced in public and private circles. The adopted research method was Oral History, by the possibilities it offers on registering and understanding remembrances. In addition to this, the technique of Affective Maps was used and was essential to revive the remembrances of female and male coffee-farm workers from the Jatahy Farm and to analyze the consequences from different forms of land use to the memory of this social group.

Key-words:

memory; affective maps; work and ecological station.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos a reconstrução, por meio de mapas afetivos, da memória coletiva de antigos trabalhadores e trabalhadoras da Fazenda Jatahy, Luiz Antônio/SP. Localizada no nordeste do estado de São Paulo, tal fazenda passou por diferentes formas de apropriação e uso do solo.

De 1925 a 1945, a Fazenda Jatahy pertenceu ao Conde Joaquim Augusto Ribeiro do Valle e foi destinada ao cultivo do café e à pecuária. Aproximadamente 200 famílias moravam e trabalhavam como colonos ou diaristas, distribuídos em seis colônias. Eram imigrantes italianos, espanhóis, japoneses dentre outros. Em 1945, após o falecimento do Conde, a fazenda foi vendida para a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Esta, por sua vez, direcionou a produção para a silvicultura, especificamente para o cultivo de pinos e eucaliptos, com o objetivo de utilizar as madeiras no abastecimento dos trens, como dormentes para a construção das estradas de ferro e como mourões de cerca. As atividades agrícolas e de criação de animais foram reduzidas e, posteriormente, os campos cultiváveis transformados em plantações de eucalipto (JESUS, 1993; SIMÕES, 1998). As colônias que existiam no período do Conde mantiveram-se, mas os retiros de gado foram abandonados. Os trabalhadores do café, os aposentados, que trabalhavam na retirada de leite e os campeiros, que cuidavam do gado, passaram a trabalhar no plantio do eucalipto ou foram à busca de outras fazendas. No ano de 1959, a Companhia Mogiana perdeu esta área por causa de dívidas para o governo do Estado de São Paulo, que a transformou em uma estação experimental, isto é, uma reserva de preservação permanente destinada à

produção vegetal e/ou animal (AGUIAR, 1994 apud MAROTI et al., 1998). Nesse momento, a silvicultura foi intensificada com o objetivo, agora, científico. Os cafezais que restavam foram arrancados para darem lugar aos experimentos e à produção com floresta implantada. O objetivo era que a madeira produzida pudesse atender à demanda existente, diminuindo, dessa forma, a pressão sobre as florestas naturais (RIBEIRO, mimeo apud MAROTI & SANTOS, 2001). Diante disto, os colonos e colonas se adaptaram aos novos cultivos, conduzidos, então, a formarem viveiros de pinos e eucaliptos. Ademais, deixaram de trabalhar sob o regime de colonato e passaram ao trabalho assalariado. Os retiros foram destruídos e as colônias foram reduzidas a três. Outras duas foram criadas: a do Saravá e a da Olaria, no córrego Beija-Flor. Em 15 de junho de 1982, pelo decreto lei nº 18.997, foram separados 4.532,18 ha, pertencentes, até então, à estação experimental, que ficou com uma área de 6.240 ha, para a criação de uma unidade de conservação estadual chamada Estação Ecológica de Jataí. Essa unidade de conservação é uma das poucas no Estado de São Paulo com floresta natural de interesse para a preservação (CONSEMA, 1985). Em 18 de setembro de 2002, pelo decreto lei nº 47.096, ampliou-se a área da Estação Ecológica de Jataí, que passou a deter um território de 9.074,63 ha, enquanto a estação experimental foi reduzida para aproximadamente 2.000 ha (BRASIL, 2002). Atualmente, vivem onze famílias na estação experimental, que são funcionários do Instituto Florestal do Estado de São Paulo.

Diante desse cenário, nosso objeto foi analisar a reconstrução da memória coletiva das colonas e colonos da antiga Fazenda Jatahy, que vivenciaram essas transformações na apropriação e uso da área, centrado-nos no trabalho como categoria de análise. Para tanto, a utilização da metodologia da história oral em simbiose com a técnica de pesquisa dos mapas afetivos foi essencial para reconstruir e dar visibilidade à memória desse grupo social.

DOS ESPAÇOS FÍSICOS AOS ESPAÇOS SOCIAIS: A MEMÓRIA E SEU MAPEAMENTO

A memória, transmitida e atualizada constantemente pela oralidade, não coube, no processo de transformação da sociedade com a modernidade, nos novos espaços que foram criados, espaços nos quais o passado é escrito globalmente e rapidamente pela história, sendo sempre uma reconstrução problemática e incompleta do que não mais existe. Com

isso, surgiu a curiosidade de saber aonde a memória se resguardou e se materializou, encontrar os lugares da memória, lugares que não precisariam existir se nossa memória ainda fosse vivificada (NORA, 1993).

Esses lugares alimentam-se do sentimento de que não há mais memória espontânea, de que há necessidade de se criarem datas, pesquisar arquivos, visualizar fotografias ou percorrer os alicerces das antigas colônias da Fazenda Jatahy para a fazer eclodir, de que a memória precisa desse estímulo para ser revivida. Entretanto, se as lembranças que esses lugares da memória defendem fossem vividas, elas não estariam ameaçadas e não haveria a necessidade de construí-los. Ademais, se a história não se apoderasse deles e não os petrificasse, não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993).

São, portanto, simples e ambíguos, naturais e artificiais; lugares no sentido material, simbólico e funcional da palavra, simultaneamente, mas em diferentes graus. O que os constitui é o jogo entre memória e história, sendo preciso, primeiramente, a vontade de memória. Se esta não existir, deixa-se uma definição estreita e se parte para uma mais maleável, suscetível para aceitar na categoria todo objeto digno de lembrança. Portanto, sem essa intenção de lembrança, os lugares da memória tornar-se-ão lugares de história (NORA, 1993).

Para reconstruir a memória coletiva dos antigos colonos e colonas da Fazenda Jatahy, o trabalho foi considerado categoria central de análise, compreendido não apenas como dispêndio de energia física e mental, mas, também, como o elemento em que se baseiam e se refletem as relações sociais. Configura-se na relação fundamental da existência humana, isto é, no que há de mais particular na existência social – na totalidade – e que por esse seu caráter de essência não é desvinculado da natureza, na medida em que sendo a condição humana e sua gênese, o trabalho guia a ação física por meio da capacidade reflexiva do indivíduo e age sobre a natureza transformando-a e se transformando em uma humanização-naturalização (MARX, 1991; SILVA, 1998).

A partir da compreensão anteriormente apresentada de tal categoria de análise, a reconstrução da memória coletiva desse grupo social foi edificada tanto por meio da recolha de histórias de vida, quanto pelos espaços físicos da antiga Fazenda Jatahy – hoje ruínas – entendidos como lugares da memória. Para isso, realizou-se com um dos narradores²

² A pesquisa de mestrado foi realizada entre 2003 e 2005. Foram entrevistados sete homens e seis mulheres, com idades entre 55 e 92 anos.

um registro fotográfico sobre as antigas colônias e sobre o antigo armazém, freqüentado pelo justiceiro Dioguinho³. Posteriormente, foi solicitado ao narrador a elaboração de mapas afetivos, isto é, um processo de criação, tomando lembranças revividas, pertencentes ao indivíduo, e que não estão presentes em mapas físicos, políticos, econômicos ou fotografias aéreas. A seguir, descrevemos como foi a realização desse registro fotográfico, seu percurso e sua importância para a criação, pelo narrador, dos mapas afetivos, já que foi fundamental para estimular os quadros sociais da memória.

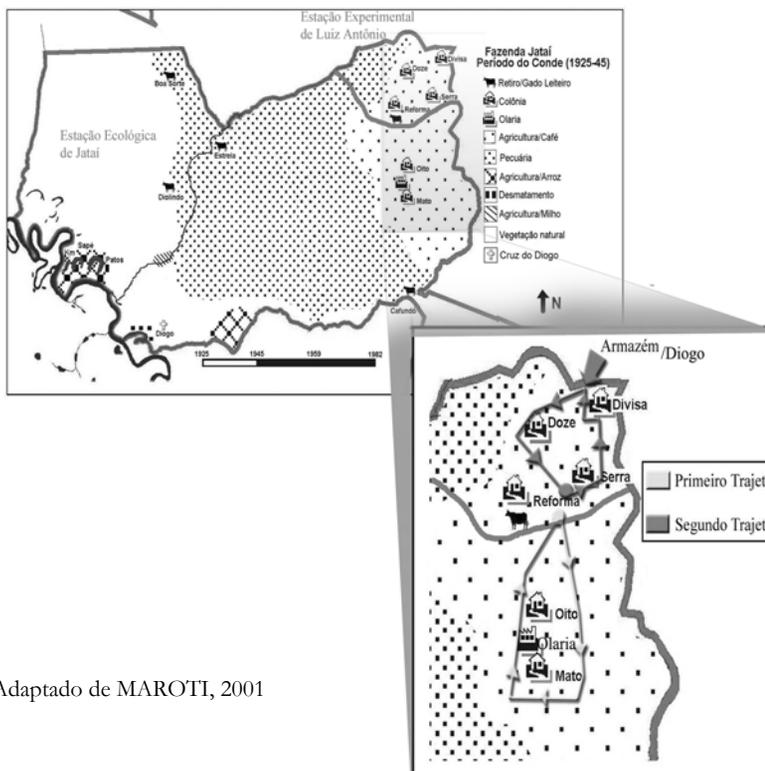
Primeiramente, contatou-se seu José⁴, 56 anos à época, mateiro, hoje aposentado, que viveu na área da antiga fazenda durante 53 anos. Dois trajetos foram traçados por ele para nos apresentar as antigas colônias da época da Fazenda Jatahy (Oito, Doze, Reforma, Mato, Divisa e Serra) e a antiga sede, localizada na colônia da Serra, quando a fazenda pertencia à Frederico Branco, proprietário anterior ao Conde Joaquim Augusto Ribeiro do Valle. Após a realização desses trajetos, que totalizaram duas idas a campo, com um espaço de tempo entre uma e outra de duas semanas, seu José elaborou dois mapas afetivos. As lembranças afloradas durante o percurso pelas antigas colônias e sua explicação sobre os mapas afetivos foram gravadas e transcritas. Segue o mapa atual da área da antiga fazenda, hoje dividida em Estação Experimental de Luiz Antônio e Estação Ecológica de Jataí. Nele se encontram representados os trajetos percorridos com seu José, os locais

³ Dioguinho (Diogo da Rocha Figueira ou Diogo da Silva Rocha) foi um justiceiro que viveu na região da Fazenda Jatahy na época da expansão cafeeira para o Oeste Paulista no final do século XIX. Neste período, o café estava no auge e os coronéis proprietários de grandes fazendas contratavam-no com o objetivo de reaver e/ou se apropriarem de terras. Na área da Estação Ecológica de Jataí há uma lagoa marginal denominada Lagoa do Diogo, onde foi o local de sua tocaia. Seu corpo nunca foi encontrado, apenas o do seu irmão – Joãozinho – que pertencia ao seu bando. Na margem dessa lagoa existe uma cruz, onde foi enterrado o corpo de seu irmão, mas a denominam de Cruz do Diogo (MAROTI & SANTOS, 2001, p. 209).

⁴ O caminhar pelos espaços físicos das antigas colônias foi realizado em 2003, durante a pesquisa de campo do mestrado. Somente o fizemos com seu José, pois não conseguimos conciliar um dia para se caminhar com as duas outras narradoras mais jovens, D. Conceição e D. Verônica, e, também, pela impossibilidade física, devido à idade avançada, dos demais narradores e narradoras.

das antigas colônias da Fazenda Jatahy, o antigo armazém freqüentado pelo justiceiro Dioguinho e a cruz do Diogo – que representa o local onde ele sofreu a tocaia e onde está enterrado seu irmão, Joãozinho.

Figura 1. Representação esquemática do trajeto realizado com seu José pelas antigas colônias da fazenda Jatahy.



Fonte: Adaptado de MAROTTI, 2001

O início do percurso foi na colônia da Reforma (atual colônia da rua de cima, onde se localiza a última sede da fazenda, a do tempo do Conde). Seguimos, posteriormente, até a colônia do Oito, a colônia do Mato e finalmente até a Olaria, onde só havia uma casa. No segundo dia, novamente partimos da colônia da Reforma, dirigindo-nos até a colônia da Serra, descendo até a colônia da Divisa, caminhando até o antigo armazém, onde o famoso justiceiro da região – o Dioguinho –

freqüentava, passando pela colônia do Doze e retornando à colônia da Reforma. Seu José foi interpretando todo o espaço físico: onde e como eram as casas, a sede da fazenda antes de 1925 e a posterior, o primeiro e o segundo terreirão de café, as canaletas que levavam até esses, os tanques, as minas d'água, os caminhos, além de ir relatando suas lembranças, muitas vezes, a memória herdada. Seguem-se alguns momentos desses trajetos. No entanto, não estão expostos na ordem em que foram revividos com seu José.

À medida que eram percorridas as antigas colônias, casas, caminhos, córregos que existiam e que secaram, o que, de acordo com seu José e com outros narradores e narradoras, deu-se com o cultivo do eucalipto, lembranças afloraram e teceram vagarosamente a memória individual.

Foto 1. Antiga sede na serra antes de 1925, quando a fazenda pertencia ao senhor Frederico Branco. Localizava-se mais ao alto do terreiro de café.

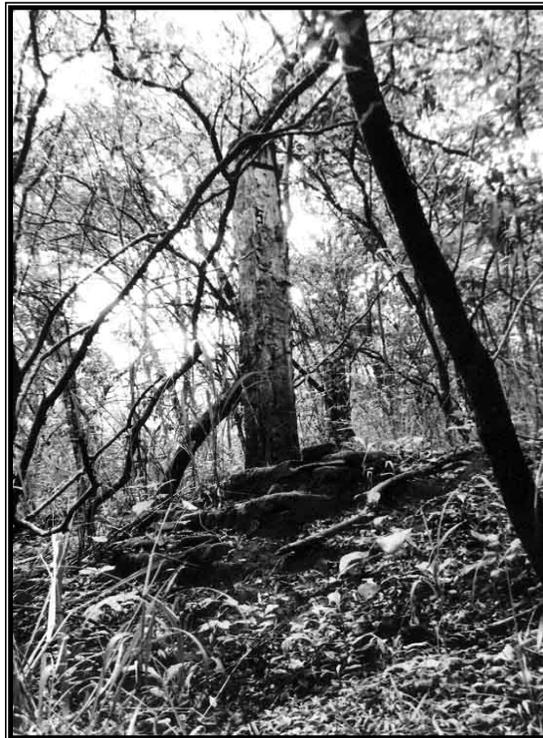


Foto de Paulo Sérgio Maroti, 2001.

“Pegava daqui, desse canto aqui, e ia até aquele outro esteio lá, aquele pau. Aqui já era a saída da porta da cozinha e, a da porta da sala a entrada era lá. [...] Na lateral de lá. [...] Hoje vai fazer uma casa eles fazem coluna de concreto. Antigamente as colunas eram esses esteios aí. [...] Aroeira. Então a parede saía partindo deles. Fazia um tipo de uma amarração [...] Tem quatro (esteios). E os outros aqui acho que... [...] E os outros aqui acho que andou quebrando, acho que andou arrancando quer dizer, tirando aí.” (SEU JOSÉ, 56 anos)

Entretanto, a memória individual aflorada reportava-se à memória coletiva. A memória é coletiva na medida em que ela tira sua força e sua duração do fato de ter como suporte um conjunto de indivíduos – um grupo –, isto é, a memória coletiva constitui-se no grupo; e ela é individual na medida em que quem lembra é o indivíduo, não o grupo (HALBWACHS, 1990). Tanto a primeira quanto a segunda são construções sociais e ambas são seletivas. Não são todos os acontecimentos que ficam gravados. A memória coletiva, vivendo no interior de um grupo, é atingida pelas mudanças da evolução de seus membros e depende da interação desses (BOSI, 1979).

Caminhando pela antiga colônia da Serra, onde ficava a primeira sede da Fazenda Jatahy, apresentada na foto anterior, à época do senhor Frederico Branco, seu José relatou que a conheceu ainda criança, época em que subia até lá para passear. Participou de algumas rezas nesse local. Quando começou a trabalhar na fazenda, em 1965, época em que o Estado já havia comprado a área, iniciou na plantação de pinos e eucaliptos. Seu José ajudou a demolir a antiga sede e a colônia da Serra.

Na antiga sede, relatou também que um empreiteiro havia morado nessa casa e que aquele plantava arroz. Confundiu-se com as datas em um primeiro momento, pensando que isso acontecera em 1963, 1964. Inquirido sobre a existência dessa antiga sede nessa época, já que se pensava que com a construção da sede nova na época do Conde, a antiga tivesse sido demolida, seu José corrigiu-se, dizendo que o ano foi 1966, apoiando-se em outra lembrança, a de que ele havia se escondido há alguns anos depois de uma geada nesta casa junto com outros colegas de trabalho. Seu José relatou que, quando construíram a sede nova, na colônia da Reforma, donde o nome porque reformou a fazenda, a sede antiga foi mantida.

“Em 68, 69, no mês de setembro, caiu uma geada, foi quando plantou esses eucaliptos aí. Nós estávamos até limpando os eucaliptos. Nós

escondemos do frio nessa casa aí! Lembro disso aí! [...] Já era do Estado, mas ainda existia essa casa, porque eu entrei para trabalhar em 65, nós vínhamos aqui nós escondíamos de chuva nessa casa. [...] Foi demolida essa bem depois. [...] foi os pedreiros aqui da reserva [Estação Ecológica de Jataí] mesmo que demoliram.” (SEU JOSÉ, 56 anos)

A memória é uma construção social e o ato de rememorar acontece estimulado pelos chamados quadros sociais da memória, pelos espaços, sons, cheiros e sabores, como aconteceu com seu José. Halbwachs (1990) não institui o espaço apenas no sentido físico, mas, também, como lugar simbólico. Para ele, as imagens que ficam dentro desses quadros sociais são as lembranças. E essas têm um significado, uma marca para aquele que lembra, têm um conteúdo simbólico, que define o espaço, os quadros sociais da memória.

O fato de seu José ter ido às antigas colônias fez florescer cenários e cenas, sons e cheiros, pessoas, falas e sabores vividos em um momento anterior, que ao serem interpretados foram reconstruídos, mas não da mesma forma que ele vivenciou no primeiro momento, pois o passado é recontado de acordo com o momento presente. Há toda uma dinâmica de tempos vividos. Parte-se do presente para se refazer os fatos vividos. De acordo com o momento presente, a pessoa reconstrói seu passado, criando imagens. Quanto pior for o momento presente, melhor será a reconstrução do passado (HALBWACHS, 1990: 71).

“A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”

É preciso salientar que esses quadros sociais estão interligados ao tempo, sendo o tempo concebido como tempo múltiplo, variado, ou seja, uma multiplicidade de tempos. Existe o tempo concebido pela história e o tempo vivido, experienciado, que é relatado pelos narradores e narradoras, definido com suas marcas. Não há uma cronologia com a história, pois os marcos são outros, são os do indivíduo e os dos grupos aos quais ele pertence, como: casamento, nascimento ou morte de algum familiar.

No caso de seu José os marcos de seu tempo vêm da sua interação com o espaço de fora da casa, da plantação de eucalipto que ainda não havia e que, posteriormente, ele ajudou a formar, com a

natureza, a geada. E isso porque a memória é o campo onde as lembranças ocorrem. Pessoas que viveram o mesmo fato podem trazer interpretações diferentes e até contraditórias, pois há uma distinção de classe social, de gênero (HALBWACHS,1990).

Próximo a essa antiga sede, existe um tanque pertencente a essa casa. Há outros mais distantes que faziam parte da colônia da Serra e das outras colônias. Sempre que se encontrava algum tanque, seu José tecia comentários sobre esse espaço, à época, estritamente feminino.

Nesse tanque da antiga sede seu José relatou que o mesmo foi reformado pelo empreiteiro que plantava arroz, que havia arrendado uma parte de terra, já pertencente ao Estado, para cultivar tal plantação. Seu José explicou que, após a retirada do café, arrendaram essas áreas para diferentes cultivos: arroz, milho, algodão, sempre plantadas em parceria com o Estado, e que, somente em 1970, introduziram cana no entorno da estação experimental.

Foto 2. Tanque da antiga sede da Fazenda Jatahy (antes de 1925)



Foto de Paulo Sérgio Maroti, 2001.

O cultivo de arroz era realizado nas lagoas marginais do Rio Mogi-Guaçu, nas áreas de várzeas. Seu José relata que seu pai nunca plantou arroz,

porque era retireiro. Eram os colonos que cultivavam. Segundo Martins (1979), no regime de colonato o contrato de colono previa o cultivo de culturas intercalares ao café. Quando não cultivavam nos cafezais, por esses estarem velhos, plantavam-nas em áreas baixas, terrenos não apropriados para a cultura do café. Os gêneros produzidos desse consórcio eram, em grande parte, para a subsistência da família do colono.

O pai de seu José exerceu o ofício de retireiro tanto na época em que a fazenda pertencera ao Conde, como quando já pertencia à Companhia Mogiana. Seu José apresentou a “ficha pessoal e fé de ofício” de seu pai à época em que trabalhara para a Companhia Mogiana.

Tais lembranças sobre o tanque reformado, os diferentes tipos de cultivos, o trabalho exercido pelo seu pai fizeram “reflorestar” outras lembranças, a do ano em que seu pai se casou, elucidando o vai-e-vem da memória na reconstrução das lembranças. Esta característica deve-se ao fato de a memória não seguir a cronologia da história, mas possuir marcos pessoais (HALBWACHS, 1990).

“Meu pai, meu pai casou em 21![...] Ele casou aqui, lá naquela casa, o meu avô morava lá naquela casa que eu falei para você [na colônia do mato]. A Ana lembra, a Ana foi no casamento dele! [...] Pergunta para ela.. A Ana era criança![...] Pergunta para Ana, ela te conta..” (SEU JOSÉ, 56 anos)

Foto 3. Antiga colônia do mato onde o avô do seu José morava



Foto realizada pela pesquisadora, 2003.

A Ana a quem seu José se refere é D. Ana, antiga secretária da estação experimental, que se aposentou em 2002. Neste relato, seu José, ao dizer para se confirmar com D. Ana o casamento de seu pai, busca uma reafirmação para a sua memória, já que a memória coletiva “entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo” (BOSI, 1979: 333). A memória coletiva, vivendo no interior de um grupo, é atingida pelas mudanças da evolução de seus membros e depende da interação desses. Entretanto, é o indivíduo quem recorda. Ele é quem memoriza e, dentre as lembranças do passado a que tem acesso, pode guardar para si alguns objetos que só para ele têm significado, embora façam parte das lembranças comuns do grupo ao qual pertence.

As lembranças afloradas em seu José, de pessoas – vizinha, pai, mãe, avô, colegas de trabalho –, remeteram-no à memória social (HALBWACHS, 1990). Ao mesmo tempo em que se percorriam as antigas colônias, caminhos, córregos e tanques imagens de uma sociabilidade que existiu assumiram formas e foram talhadas em mapas afetivos.

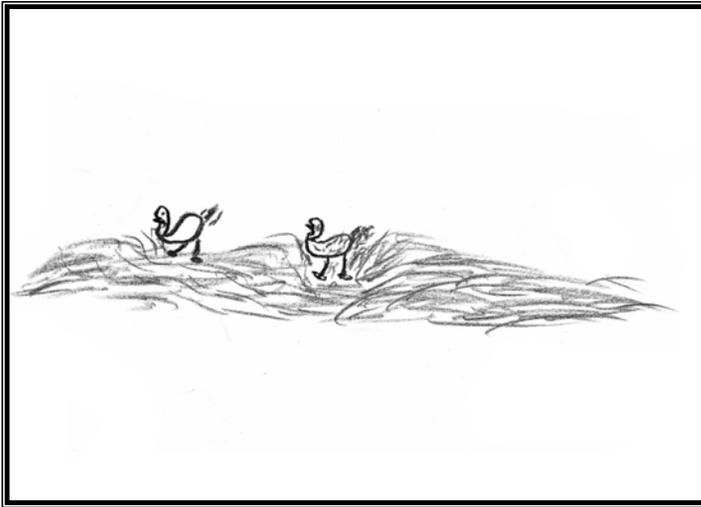
Após o percurso pelas colônias, retornou-se a casa em que seu José morava, na época em que era funcionário do Instituto Florestal, localizada na colônia da rua de cima, antiga colônia da Reforma, na Estação Experimental de Luiz Antônio, para ele elaborar seus mapas afetivos.

Os mapas, sejam eles físicos, climáticos, hidrográficos ou econômicos, são representações bidimensionais para as quais pesquisas foram realizadas. Os mapas afetivos, por outro lado, são lugares da memória. São criações de lembranças revividas pelo indivíduo, tanto de territórios que representaram múltiplas atividades de trabalho, de moradia, de lazer, de festa, de religiosidade, quanto de pessoas ou momentos. Com os mapas afetivos recolhem-se impressões não obtidas em um mapa físico ou econômico, como lembranças de pessoas que lá se encontravam, atividades realizadas, som, cheiros e sabores. Entretanto, os lugares e fatos não são reconstruídos como foram vividos no passado, pois são criados e desenhados com base em elementos do tempo presente (COVEZZI, 2000).

Os dois mapas afetivos elaborados pelo seu José lembram desenhos de criança. O primeiro relaciona-se a sua infância, quando ele morava na atual colônia da rua de baixo, antigamente chamada de colônia da Reforma. Seu José representou dois patinhos do mato que

ficavam na represa que havia acima dessa colônia. De acordo com a data citada por ele, seu José tinha entre 11 e 19 anos. Relata que começou a trabalhar com 16 anos, na formação dos viveiros de eucalipto. A partir dessas informações, pode-se constatar que essa represa com os patinhos fez parte da infância de seu José até os primeiros anos em que ele começou a trabalhar.

Mapa Afetivo I



Fonte: Seu José, 2003.

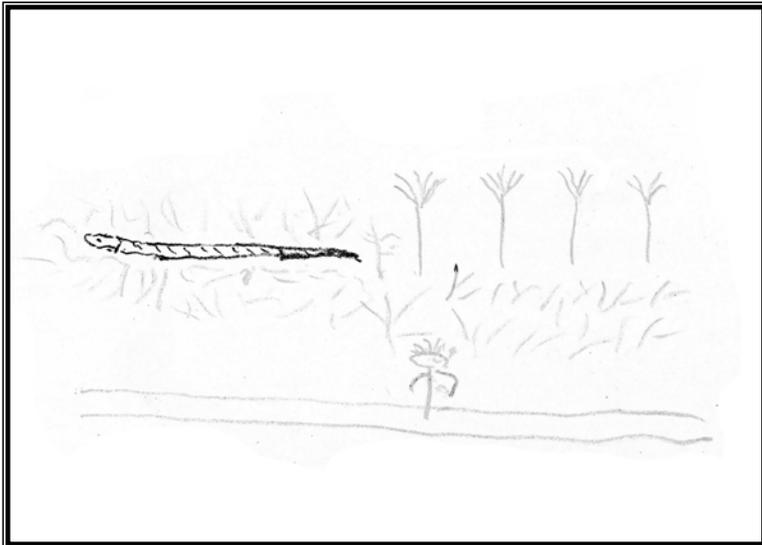
“Dois patinhos e um rio. Eles ficam dentro d’água. [...] Isso daí é na represa que tinha aí. [...] Aqui em cima. Tinham uns patinhos do mato. [...] Aqui para cima da minha casa aqui. [...] Ai, chamava represinha só. [...] Quando tinha bastante água, em 60 e... 60 até 68 tinha bastante água. [...] Eu morava lá em baixo. [...] Na colônia de baixo.” (SEU JOSÉ, 56 anos)

O segundo mapa afetivo relaciona-se com suas experiências atuais, como auxiliar de pesquisa, como ele se autodenomina. Seu José representou uma trilha no mato por onde anda com os outros pesquisadores⁵, uma cobra cascavel, o capim e os pés de fixeira. Essa

⁵ Seu José foi contratado pelo Instituto Florestal do Estado de São Paulo, órgão gestor da Estação Ecológica de Jataí, como auxiliar de pesquisa.

trilha fica na Serra, perto do antigo armazém, que o justiceiro Dioguinho freqüentava, e ele a percorre sempre com os demais pesquisadores em busca de alguma espécie de planta, animal, inseto ou réptil. Nela ele encontra, com freqüência, cobras, principalmente cascavel e jararaca.

Mapa Afetivo II

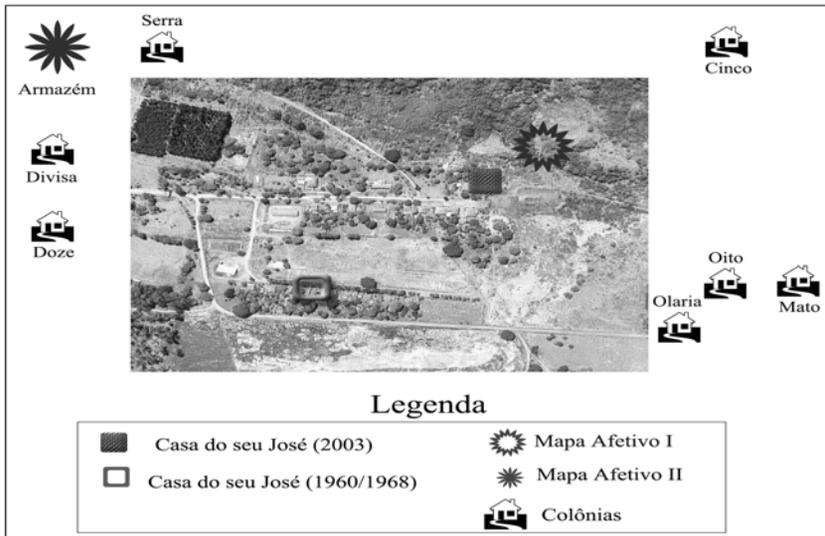


Fonte: Seu José, 2003.

“Aqui é uma trilha, que a gente anda na mata. Aqui é a mata, capim e a cobra passando. [...] Uma cascavel. [...] Essa trilha aqui é a que nós fizemos na Serra. [...] Da Serra não, lá da casona. [...] Casona lá do... o armazém lá em cima. [...] É, aqui é o capim. E aqui os pés de fixeiras que tem do lado para cima... [...]E nós andamos nesse capim aqui.”
(SEU JOSÉ, 56 anos)

Pesquisadores/as da Universidade Federal de São Carlos, da Universidade de São Paulo, da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade Estadual Paulista, das áreas de Ecologia, Biologia, Geografia, Ciências Sociais, Zootecnia dentre outras, realizam trabalhos científicos nessa área com o auxílio de seu José.

Figura 2. Foto aérea, de 2001, da Colônia da Rua de Cima e da Colônia da Rua de Baixo, que compunham a Colônia da Reforma. Representação esquemática dos locais do Mapa Afetivo I, do Mapa Afetivo II e das antigas colônias



Fonte: Adaptado da foto aérea disponível em www.lapa.ufscar.br Acessado em 11 jan. 2005

Os mapas afetivos refizeram, reconstruíram, por meio das lembranças individuais afloradas e vivificadas ao longo dos trajetos, percursos da vida de seu José em dois momentos distintos: um que já não existe e, portanto, que ele não mais percorre – a represa com os dois patinhos – e que marcou a passagem da sua infância para a idade adulta, quando começou a trabalhar, já que se reporta aos anos de 1960, 1968, sendo que começou a trabalhar em 1965. O outro ele ainda percorre, sempre de maneira diferente – a trilha na serra onde, freqüentemente, encontra cobras – e que marca seu momento atual, de auxiliar de pesquisa, embora agora esteja aposentado, o que ocasionou sua saída da Colônia da rua de cima, antiga Colônia da Reforma, na Estação Experimental de Luiz Antônio, impedindo-o de residir na casa em que vivia.

Ademais, por um lado os mapas afetivos foram importantes para a memória de seu José por possibilitarem dar vida às suas lembranças

individuais, pois se tratam de representações que, para outros indivíduos, certamente não terão tanto valor, ou até mesmo identificação. Tais mapas constituem-se em lugares da memória, justamente por esta não ter mais um espaço para florescer, muitas vezes, um grupo para compartilhar, assim como os espaços das antigas colônias para serem revividos. Tanto nos mapas afetivos quanto no percurso pelas ruínas das antigas colônias, lembranças de um trabalho passado e de uma sociabilidade que existiu puderam aflorar (NORA, 1993).

Por outro, tais lembranças desabrocharam e ganharam um lugar da memória, representado tanto nos mapas afetivos, quanto nos espaços das antigas colônias, por meio da memória sensitiva, na medida em que seu José foi retalhando e desbravando aquela mata e as ruínas das antigas colônias, os quais o estimularam reviver pessoas, cenários, acontecimentos e a sociabilidade que existira.

Silva (2005) também estimulou a memória sensitiva. Por meio de uma oficina de argila realizada com moradores e moradoras de um assentamento da região de Ribeirão Preto vindos, em sua maioria, de Minas Gerais e do Nordeste, tais moradores e moradoras reviveram suas experiências e relataram suas lembranças quando (re)manusearam a argila, confeccionando peças como vasos, pratos, meringas e botijas.

Proust (1998) relata suas lembranças afloradas da revivescência de sensações causadas pelo sabor da *madeleine*, do ruído da colher no prato, da releitura de um livro. Juntamente com essas lembranças, surge um sentimento de felicidade, de que a recordação faz, de repente, “respirar um ar novo”, certamente por ser um ar anteriormente respirado. Um ar mais puro que não traria essa sensação profunda de renovação, se não o tivesse respirado em um momento anterior, “pois os verdadeiros paraísos são os que perdemos” (PROUST, 1998: 152). E Proust procura a causa desse sentimento de felicidade trazido com as lembranças.

“Ora, essa causa, eu a adivinhava confrontando entre si as diversas impressões bem-aventuradas, que tinham em comum a faculdade de serem sentidas simultaneamente no momento atual e no pretérito, o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da *madeleine* fazendo o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o

presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo” (PROUST, 1998: 152).

Além disso, tal memória sensitiva está inter-relacionada ao tempo incorporado que, no decorrer da existência, a realidade, ao ser vislumbrada, não pôde ser aplicada à imaginação, “devido à lei inevitável em virtude da qual só é possível imaginar-se o ausente” (PROUST, 1998: 153). No entanto, o passado é redescoberto ao ser neutralizada essa lei, sendo possível brilhar a mesma sensação tanto no passado, permitindo à imaginação gozá-la, como no presente, no qual o abalo efetivo dos sentidos, pelo som, pelo contato ou pelo cheiro, proporciona aos sonhos o que são desprovidos de ter e, desta maneira, se pode obter, isolar e imobilizar, o que anteriormente não se apreendera, o tempo em seu estado puro (PROUST, 1998).

Foi esse tempo, em seu estado puro, que seu José conseguiu imobilizar nos seus relatos e mapas afetivos, com o auxílio da sua memória sensitiva imbricada no seu tempo incorporado.

Pode-se dizer, ainda, que essas lembranças de seu José emergiram devido à memória involuntária, ocasionada por lembranças que o deixaram em dúvida sobre a realidade atual do seu eu; que trouxeram lembranças, que não aflorariam voluntariamente, privando-o da liberdade de escolher entre elas e o obrigando a aceitá-las da maneira como lhe vieram. Portanto, o modo improvisado como ressurgiram as lembranças e a sensação que lhe causaram são os indicativos da verdade do passado ressuscitado, pois se percebeu o esforço para aflorarem, fazendo sentir a alegria do real recapturado (PROUST, 1998).

Todas essas lembranças de seu José, advindas tanto do percurso em um antigo espaço que ele (re)vivificou, como nos mapas afetivos, representaram, por fim, a memória subterrânea que, sendo parte das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, à memória nacional, que se em um momento anterior era a dos grandes fazendeiros de café e de companhias de estradas de ferro, hoje é a da preservação da biodiversidade. No entanto, essa memória da preservação da biodiversidade representa, igualmente, um lugar da memória, ou, melhor definido, um *lugar da natureza*, pelo fato de hoje também estar privada de se manifestar, devido o alto grau de desmatamento, além de mercantilizada (POLLAK, 1989).

CONCLUSÃO

Neste artigo apresentamos a reconstrução da memória coletiva de antigos colonos e colonas de uma fazenda cafeeira do Nordeste Paulista, que vivificaram as transformações no uso do solo e do espaço físico do local onde moravam e trabalhavam. Tais transformações, advindas com os diferentes proprietários daquela área, modificaram as relações de trabalho, que deixaram de se estabelecer por meio do regime de colonato para darem lugar ao trabalho assalariado. Concomitantemente, fizeram as colonas e colonos adaptarem-se a um novo cultivo – deixaram o café pela silvicultura. Tanto o novo cultivo, quanto a nova relação de trabalho ocasionaram mudanças no espaço físico da antiga fazenda, que refletiram em alterações na sociabilidade das famílias e, mais tarde, na estrutura social, já que com a implementação da Estação Ecológica de Jataí a aposentadoria de um colono ou colona, nesse momento trabalhadores assalariados, significava sua saída da área, o que refletia, por exemplo, diretamente na formação da família ampliada, que se dava quando um dos filhos se casava e trazia junto à sua família, sua esposa. Ademais, o novo cultivo e a nova relação de trabalho modificaram o espaço físico, destruindo, num primeiro momento, algumas colônias e, num segundo, deixando todas em ruínas.

Agredindo diretamente a memória coletiva, já que esta se sustenta por meio dos cenários da sociabilidade em que viviam os indivíduos em seus grupos, além de se apoiar nos próprios grupos a que se refere, a mudança no espaço físico citada anteriormente fez emergir como *lugar da memória* as ruínas das colônias. Da mesma forma, alterou a memória oficial, que deixou de ser a dos grandes cafeicultores e companhias de estradas de ferro para ser a da preservação da natureza, que, no entanto, é aqui compreendida como *lugar da natureza*, devido o alto grau de desmatamento existente no Estado de São Paulo.

Por fim, para reconstruir a memória coletiva dos antigos colonos e colonas, analisar as mudanças na sociabilidade e na estrutura social com as diferentes formas de apropriação e uso do solo, fazer emergir como lugar da memória as ruínas das colônias e como lugar da natureza a Estação Ecológica de Jataí foi fundamental a simbiose da metodologia da história oral com a técnica de pesquisa dos mapas afetivos. Por meio dessa associação, foi possível recuperar a memória coletiva desse grupo social principalmente pelo estímulo dos quadros sociais da memória, que se deu ao percorrermos os espaços físicos das ruínas das colônias, que

nos apresentaram os espaços sociais, as pessoas, as cenas e cenários das sociabilidades que existiram ao longo das diferentes formas de apropriação e uso daquela área.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 1979.
- BRASIL. *Decreto-lei n.47096 de 18 de setembro de 2002*. Ampliação da Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antônio, São Paulo, SP, 2002
- CONSEMA. *Áreas Naturais do Estado de São Paulo*. Conselho Estadual do Meio Ambiente, SP, 1985.
- COVEZZI, M. *Lembranças do Porto: um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do porto de Cuiabá (1940-1970)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, SP, 2000.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.
- JESUS, T.P. *Caracterização perspectiva da Estação Ecológica de Jataí (Luís Antônio, SP) por diferentes grupos sócio-culturais de interação*. Tese de Doutorado. PPG - Ecologia e Recursos Naturais/UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, 1993
- MAROTI, P.S.; SANTOS, J.E. & PIRES, J.S.R. Caracterização perceptiva de uma área natural de conservação por docentes do ensino fundamental. *Revista Univille*. vol. 3, n.2, p-55-66, 1998.
- MAROTI, P.S. & SANTOS, J.E. Narrativas Oraís como subsídio para um programa de educação ambiental direcionado a uma unidade de conservação. In: SANTOS, J. E. & SATO, M (orgs.) *A contribuição da educação ambiental à esperança de pandora*” São Carlos, SP: Rima, 2001, p.197-224.
- MARTINS, J.S. *O Cativo da Terra*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MARX, K. Para a crítica da economia política. Marx. *Coleção Os pensadores*. 5ª. ed. São Paulo, Nova Cultural, 1991.
- NORA, P. Entre memória e história. a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, n° 10, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. RJ, vol. 2, n° 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, M.. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. RJ, vol. 5, n° 10, p. 200-212, 1992.
- PROUST, M. O tempo redescoberto. In: PROUST, M. *Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Globo, Vol. 7, cap. 3, p. 137-292, 1998.
- SILVA, M.A.M. Fiandeiras, Tecelãs, Oleiras...Redesenhando as grotas e veredas. *Revista Projeto História*. São Paulo, n° 16, p. 75-104, fev., 1998.
- SILVA, M.A.M. Das mãos à memória. In: MARTINS, J.S.; ECKERT, C; NOVAES, S. C. (orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- SIMÕES, G.F.M. *Natureza das Interações de Grupos Humanos com a Estação Ecológica de Jataí (Luís Antônio, SP): Ênfase nos pescadores recreativos*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, 1998.

